
A IMPORTÂNCIA DO PIBID PARA A FORMAÇÃO DOCENTE E A IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/2003 NA ESCOLA

Jardel Silva FRANÇA¹

1.Univerdidade Federal do Acre- jardefranca2509@gmail.com

Recebido em: 01/09/2022 Aceito em: 11/10/2022

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo mostrar a importância do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) para os futuros professores de história da Universidade Federal do Acre (Ufac). A metodologia se faz a partir de análise bibliográfica de manuscritos que relataram as experiências vividas durante os anos de 2016 e 2017 na escola Estadual Raimundo Gomes de Oliveira (RGO), na cidade de Rio Branco Acre. Nos anos em comento, o programa estabeleceu como objetivo a atividade de “Ensino com Pesquisa”, uma proposta em que cada estudante de história, bolsista do Pibid teve que elaborar uma aula a partir de linhas de pesquisas indicadas no edital do projeto. Através das aulas procuramos integrar os alunos da escola nos encontros/aulas para que participassem como sujeitos ativos do processo de ensino aprendizagem. Tivemos como temáticas “Brincadeiras afro-brasileiras no ensino de História”, “Novas perspectivas metodológicas na aplicação da lei 10.639/2003: Artes, máscaras e rituais africanos” e “Literatura como forma de libertação no período escravagista”. Usamos como aporte teórico: a lei 10.639/2003, Bittencourt (2005), Munanga (2005), França (2020; 2021), França e Andrade (2020). Nesse sentido, a análise demonstrou que o programa tem sido um grande articulador de saberes entre a universidade e as escolas de ensino básico.

PALAVRAS-CHAVE: Pibid. Lei 10639/2003. Formação docente. Cultura afro-brasileira.

1. INTRODUÇÃO

O trabalho aqui apresentado objetivou mostrar a importância do Programa de Iniciação à Docência (Pibid), apontando ações de promoção de igualdade racial, aplicabilidade da lei 10.639/2003, a partir de trabalhos publicados em periódicos e livros por discentes oriundos desses programas.

Para isso, utilizaremos de uma análise documental de trabalhos escritos por egressos que executaram suas aulas abordando a temática negra e indígena. Utilizando-se como embasamento: Brasil (2003), Brasil (2011), França (2020, 2021), França e Andrade (2020).

2. PROGRAMAS EDUCACIONAIS

O Programa Institucional de bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) contribui para o aprimoramento da docência, sendo primordial para que o aluno da Universidade Federal do Acre (Ufac) adquira experiências no campo da docência, tendo em vista que o discente, bolsista de Iniciação à Docência (ID) irá se relacionar com todo o espaço escolar, desenvolvendo suas metodologias e contribuindo para que os professores da escola desenvolvam os seus métodos de ensino.

Durante os anos de 2016 e 2017, o subprojeto do Pibid, da área de história desenvolveu suas atividades, denominadas “Ensino com pesquisa”, onde em seu edital foi disponibilizado quando linhas de pesquisa, no qual o bolsista ID escolheria apenas uma e a partir dela desenvolveriam suas aulas.

1. História da África e Cultura afro-brasileira/acreana:

Esta ação pretende proporcionar ao futuro professor de história, um contato mais efetivo e reflexivo com as temáticas valorativas da história do continente africano e da cultura afro-brasileira/acreana, com destaque para: diversidade étnica, cultural e social; processo de colonização e descolonização; movimentos revolucionários de libertação nacional; formação das nações e seus dilemas; desafios e possibilidades atuais; e a trajetória do negro no Brasil, suas contribuições na formação da sociedade nacional/acreana, nos campos social, econômico, político e cultural.

2. Culturas/identidades na fronteira trinacional (Amazônia Sul-Occidental): Acre/Brasil, Pando/Bolívia e Madre de Dios/Perú

O espaço internacional correspondente a esta região é historicamente desconhecido. A expressão *tierras non descubiertas*, grafada no século XIX, anunciava a ignorância sobre seu multiculturalismo, que rompe com as fronteiras entre nações, desarticulando os limites espaciais, étnicos e místicos, misturando as culturas, as formas de poder, as práticas econômicas e sociais. O processo migratório é contínuo, intenso e tenso. Acreditamos que o professor de história tem o dever de trazer para o espaço escolar este debate. É o que pretendemos proporcionar aos nossos bolsistas.

3. Populações amazônicas/acreanas “tradicionais”: índios, seringueiros e ribeirinhos

Pretende-se nesta ação trazer para as reflexões na formação do professor de história e na sala de aula do ensino fundamental e médio, questões relacionadas a vivências, experiências, representações, misticismos/religiosidades, formas de organização do trabalho e de lutas sociais destas populações que ocuparam e ocupam esta região da Amazônia brasileira e acreana, buscando compreender as continuidades e rupturas de suas culturas, de suas práticas religiosas, econômicas, política e sociais.

4. Geopolítica e ocupação do espaço acreano: poder, representações, lutas sociais e meio ambiente

Esta ação visa inserir os alunos em discussões e temáticas relacionadas ao ensino de história do Acre e da Amazônia, voltadas para abordagens acerca de como foi ocupada a região e com que motivações e encontros isso ocorreu. Evidenciar os fatores políticos e as estruturas de poder legal que passaram a conviver com formas tradicionais de mando e hierarquias do poder privado já existente. Dialogar com os aspectos econômicos atravessados pela exploração da natureza, até questões contemporâneas do mundo do trabalho e afazeres diversos estabelecidos na sociedade local. (Projeto Pibid/História/Ufac, 2016-2017).

A linha de pesquisa dos trabalhos aqui relatados foi a linha número 1, alusiva a “História da África e cultura afro-brasileira/acreana”. Após a escolha da linha temática, os bolsistas tiveram que realizar o planejamento das aulas, que consistiu em pesquisas bibliográficas, vídeos, mapas, entre outros materiais didáticos que os auxiliassem.

A partir da temática escolhida, foi criado um banco de dados com as pesquisas bibliográficas e, sob orientações historiográfica-pedagógicas dos coordenadores do Pibid/História/Ufac. Assim, enquanto bolsista Pibid/História, o aprendizado do trabalho docente iniciou com a instrução para elaboração de uma proposta pedagógica temática, na qual mostrássemos a importância da realização do nosso trabalho em consonância com a problemática que solucionaríamos como desenvolvimento. (FRANÇA, 2020, p. 82).

Os temas desenvolvidos a partir das pesquisas e com base na linha temática foram:

- Brincadeiras Afro-brasileiras no ensino de história;
- Novas perspectivas metodológicas na aplicação da lei 10.639/2003: Artes, máscaras e rituais africanos;
- Literatura como forma de libertação no período escravagista

Os bolsistas de Iniciação à Docência que utilizaram temáticas referentes à África tinham em mente a importância de trabalhar um tema proposto pelas Orientações Curriculares do ensino fundamental da área de História como conteúdo interdisciplinar, além do mais, a lei 10.639/2003 defende o ensino obrigatório sobre História e Cultura Afro-Brasileira em escolas de ensino fundamental e médio, oficial ou particular.

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.
§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.
§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. (BRASIL, 2003).

Tendo como base esses meios legais educacionais é que as atividades relatadas nesse trabalho foram desenvolvidas.

3. ESCRIVENDO A FORMAÇÃO CONTINUADA

3.2 Programa de Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)

No trabalho intitulado *Novas metodologias para a aplicação da lei 10.639/03 na escola: brincadeiras afro-brasileiras*² o autor Jardel Silva França³ escolheu trabalhar com brincadeiras por ser uma forma acessível aos alunos, pois eram discentes do 7º ano (antiga 6ª série). Segundo o autor, por meio da ludicidade, os alunos estariam aprendendo um pouco mais da história do Brasil, da África e estariam desmitificando algumas ideias que são ensinadas equivocadamente para os alunos.

Dessa forma, estaríamos conhecendo os elementos históricos e culturais dos negros em nossa sociedade e realizando um resgate cultural valorativo da nossa própria cultura e contribuimos de certo modo para a redução, ou melhor, conscientização de práticas racistas, pois é a escola que forma o cidadão. (FRANÇA, 2021, p.208).

Na aula de *Brincadeiras Afro-brasileiras no ensino de história* pretendeu-se colocar em prática a aplicação da lei 10.639/2003 e discutir a importância das brincadeiras afro-brasileiras para a cidade de Rio Branco. O bolsista, estudante do curso de História 3º período, iniciou com levando aos discentes da escola conceitos que precisavam serem elucidados, um deles foi “afro-brasileiro”. Geralmente ao fim das aulas, os discentes fizeram relatos escritos o que possibilitava um olhar sob esse aprendizado e uma auto avaliação referente a própria aula ministrada. Três foram as brincadeiras escolhidas Amarelinha, Terra-mar, Nego Fugido, onde os alunos puderam perceber a importância, brincar e apresentar para seus colegas. Fica evidente que ser professor é influenciar na visão de mundo do aluno é saber ensinar

² Esse trabalho é fruto das intervenções pedagógicas “*Brincadeiras Afro-brasileiras no ensino de história*” que resultou na publicação em formato de capítulo de livro publicado na Coletânea Uniafro: práticas pedagógicas em Educação para as relações étnico-raciais na educação básica. Disponível em: <http://www2.ufac.br/editora/livros/ColetneaUniafropticaspedaggicasemeducaodasrelaesnicoraciaisnaeducaobsica.pdf>. Acesso: 07 set. 2021.

³ Mestrando em Letras: Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre(UFAC). Especialista em Educação Especial Inclusiva pela Faculdade de Educação Superior Euclides da Cunha (INEC). Licenciado em História (UFAC). Aperfeiçoado Uniafro em Políticas de Promoção de Igualdade Racial na Escola (2016); Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID) (2016-2018). Residente Pedagógico no Curso de Licenciatura em História (08/2018 á 02/2019). Membro do corpo editorial da Revista Em Favor de Igualdade Racial e Revista Das Amazônias / Revista Discente de História da UFAC. Filiado à Associação Brasileira de Pesquisadores Negros e Negras (ABPN). Membro do Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) da UFAC. (LATTES, 2021).

aprendendo e transformar o que os discentes já possuem de conhecimento. Segundo Circe Bittencourt:

O professor é quem transforma o saber a ser ensinado em saber aprendido, ação fundamental no processo de produção do conhecimento. Conteúdos, métodos e avaliações constroem-se nesse cotidiano e nas relações entre professores e alunos. (BITTENCOURT, 2005, p.50)

Durante os primeiros dias das intervenção pedagógica, realizamos uma sondagem de conhecimentos prévios dos alunos, afim de melhor trabalharmos nosso conteúdo. Abordamos alguns conceitos que consideramos necessários, como por exemplo, racismo, preconceito, afrodescendente e questões sobre o continente africano. Nesse processo, podemos perceber que os discentes possuíam uma visão distorcida do continente africano, considerando apenas um “país”, local de fome e de animais selvagens.

Ao final de cada encontro, os alunos realizavam o “aprendizado do dia”, que consistia em escrever tudo que aprenderam no dia. Desse modo, podemos verificar quais os pontos que necessitávamos focar nos próximos encontro, para que o aprendizado fosse passado integralmente.

Em nossos encontros, após trabalharmos um pouco do vasto continente africano, seus aspectos, culturais, sociais e históricos, abordando o período de escravização dos africanos, sua vinda forçada ao Brasil, suas lutas, levantes e resistências.

Começamos a trabalhar as brincadeiras, pesquisando as várias releituras das brincadeiras que “vieram” com os negros da África.

Foto 01 – discentes realizando releitura da brincadeira: Meu bebê



Foto: Jardel França

Esse momento foi de descoberta e de surpresa, pois os alunos não tinham conhecimento de que algumas brincadeiras do dia a dia eram de origem africana.

Os comparativos das brincadeiras foram diversos, gerou diferentes releituras, compararam brincadeiras para associar com outras conhecidas que geralmente não se sabe a origem e muitas delas apresentam origem africana. Um dos comparativos da aluna Ana Carolina foi o tema “Terra-mar “Eu brinco assim: divide um lugar em três retas, uma parte terra, outro é o mar e a terceira é o céu, uma pessoa fica do lado de fora comandando tudo, dando os comandos Terra, mar ou céu, quem pular no lugar errado do comando sai. Quem ficar por último sem errar, vence.”. (FRANÇA, 2021, p.211).

O objetivo final deste trabalho foi a criação de um livro, relatando essas brincadeiras e sua importância nos dias atuais e na cidade de Rio Branco. No qual ficou em exposição, junto a outros trabalhos de bolsista do Pibid da Escola RGO, denominado Atividades práticas na escola: vivências e experiências através do Pibid História Ufac valorizando minha história, durante o V Seminário Pibid História Ufac: direitos, humanidades e história.

O tema “Novas perspectivas metodológicas na aplicação da lei 10.639/2003: Artes, máscaras e rituais africanos” deixa evidente um de seus principais objetivos, a aplicação da lei já citada acima, mas traz novas perspectivas do assunto, do continente. A Aluna do 1º período do curso de História inicia explicando o que é a África, e fala sobre sua pretensão de

trabalhar com as tribos Dan/Dã, Punu, Cokwe. Os integrantes desses povos lutam pela manutenção das tradições culturais e religiosas e estão distribuídas ao longo de rios ou lagos, já que sobrevivem da agricultura de subsistência e/ou caça. no intuito de estudarem culturas e modos de vida. Após contar um pouco da história da África e principalmente a história cultural, religiosa e social das tribos que pretende trabalhar com os alunos da escola básica, é dado início a produção de máscaras, rituais ainda existentes de cunho religioso, festivos, formal, cultural. É perceptível a diferença de alunos que apenas lêem os textos, dos que produzem seus textos e dos que trabalham o conteúdo de outra forma metodológica, O principal objetivo não era produzir máscaras e sim saber o significado dessas máscaras para as tribos e o restante de toda a África, além do mais, pretende-se expor uma arte não eurocêntrica, uma arte não imposta pelas diversas mídias. Além de máscaras, os alunos pesquisaram e criaram roteiros para essas máscaras como uma forma de conclusão desse magnífico trabalho. Guimarães fala que:

As práticas interdisciplinares. O trabalho pedagógico por meio de projetos de ensino que articulem temas históricos aos demais componentes curriculares têm se configurado, na prática, como possibilidades exitosas de aprendizagem e construção de saberes, valores, habilidades, de modo especial nos primeiros anos de escolaridade. (GUIMARÃES, 2010, p. 09)

O fazer pedagógico interdisciplinar possibilita que trabalhemos as várias face de uma mesma temática possibilitando um leque de possibilidades de mostrarmos a nossa ancestralidade, nossa identidade que muita das vezes são invisibilizadas e pouco trabalhadas dentro da sala de aula.

Foto 02 – Produções dos alunos da escola Raimundo Gomes com a bolsista Sandy



Foto: Diego Correia

Foto 03 – Varal de máscaras produzido pelos discentes da Escolas RGO participantes do projeto



Foto: Diego Correia

O terceiro trabalho aqui apresentado, foi aplicado durante o ano de 2017, tendo como temática “Literatura como forma de libertação no período escravagista”. O objetivo foi disponibilizar aos alunos e alunas do sexto ano do ensino fundamental da escola a oportunidade compreender como o continente africano se encontra presente na sua diversidade étnica, cultural e social, como contribuem na História e cultura negra no Brasil.

Os métodos utilizados para os encontros foram leitura e análise de textos relacionados ao tema, participação e análise de como o negro era representado dentro da literatura, dando ênfase ao período escravagista, buscando desconstruir estereótipos e fortalecer entre os negros e despertar entre os brancos a consciência negra compreendendo a importância da literatura para a eliminação do racismo e para o ensino de História e cultura africana.

Nossa fundamentação teórica teve como apoio teórico Kabengele Munanga, utilizamos como embasamento da prática pedagógica, a artigo Personagens negros: Um breve perfil na literatura infanto-juvenil, de Heloisa Pires Lima e o artigo Literatura, identidade e resistência: literatura afro-brasileira e africana em sala da aula, de Kleyton Ricardo Wanderley Pereira.

Ao final do trabalho, os alunos e alunas realizaram a produção de um minilivro trazendo uma ideia desconstruída do que é o negro.

No primeiro encontro como os alunos falamos sobre o programa e o que iríamos trabalhar. Realizamos levantamentos prévios por meio de questionamentos orais e depois escritos quanto ao conhecimento deles a respeito dos negros. O aluno I. B escreveu as seguintes palavras “os negros foram escravizados pelos europeus; os negros são muito maltratados pelos brancos; Muitos negros foram traficados para o Brasil”.

Tal qual este relato, outros se assemelhavam ao associar o negro a escravidão, e foi a partir das palavras escrita por alunos e alunas quanto ao seu conhecimento relativo à África, percebemos que essa idéia remetia muito a forma tradicional de pensar o negro e a África. Diante disto, entendemos que precisaríamos encontrar uma nova abordagem, que se contrapusesse ao livro didático, para mostrar a história do negro além da escravidão, demonstrar que são várias as contribuições para a nossa sociedade. Marta Heloisa Leuba Salum diz que, a história dos povos africanos é a mesma de toda humanidade: a da sobrevivência material, mas também espiritual, intelectual e artística, o que ficou à margem da compreensão nas bases do pensamento ocidental, como se a reflexão entre Homem e Cultura fosse seu atributo exclusivo, e como se Natureza e Cultura fossem fatores antagônicos (SALUM, 2005 p. 01).

No segundo encontro, os alunos realizaram a leitura do poema “Escravidão, resistência e luta”, de Cledineia Carvalho dos Santos, poema esse que relata de forma simples a vinda dos negros cativos para o Brasil, como eles eram tratados, como eles resistiram a escravidão, como surgiram os quilombos nesse período de resistência e como esses quilombos ainda lutam para uma saúde, dignidade e educação para o seu povo. Após a leitura do poema, eles falaram um pouco sobre o que sabiam sobre esse período de escravidão. Ainda tendo o poema como base, falamos sobre o continente África, os países que o compunham, os costumes diferentes, a língua de alguns países, dando foco aos países que falavam Português e aos países que, mais traficaram escravos para o Brasil como: Angola, Congo, Costa do Marfim, Moçambique entre outros que foram discutidos. Depois disso, discutimos a vinda dos negros para o Brasil, com se deu essa vinda e como eles reagiram aos maus tratos sofridos aqui, utilizei um mapa do Brasil e o da África para trazer um melhor entendimento ao que estava sendo exposto e debatido. Depois do debate, os alunos realizaram a leitura de literaturas infanto- juvenil negra, sendo essas: Menina bonita do laço de fita, O cabelo de

Lelê, A princesa Sawana, As tranças de Bintou e após a leitura foi pedido que falassem um pouco sobre o que entenderam sobre algum dos livros lidos.

Ao final da aula os alunos registavam o que aprenderam em uma folha no qual chamamos de Aprendizado do dia. A aluna B.M escreveu,

Eu entendi e aprendi que a África é um continente que tem 54 países, onde muitos negros viviam antes da escravidão, eles eram transportados dentro do navio negreiro para o Brasil onde eram escravizados [...] Quando eles vinham para o Brasil eles eram separados de suas famílias e colocados com famílias diferentes e línguas diferentes, para não tramarem uma fuga.

Na quarta aula do projeto, levei um jogo de tabuleiro como recurso para realizar uma revisão com os alunos. O jogo possuía perguntas relacionadas ao tema que estávamos estudando, caso eles não soubessem responder, eles puxavam uma carta, no qual na maioria das vezes os impossibilitavam de jogar algumas partidas. No final da aula revisional, analisamos todas as questões do jogo e tiramos dúvidas que surgiram durante o jogo.

Nosso penúltimo encontro foi onde começamos a produzir o resultado final do nosso projeto, era necessário criarmos um roteiro, onde pudéssemos criar os personagens do livro, nisso começamos a pensar e a escrever como eles seriam. Nesse momento saíram às ideias mais engraçadas, onde os alunos gritavam: Põe o nome dele de Zé! , Francisco! E vários outros nomes, foi um momento de muita descontração, onde podemos colocar tudo que aprendemos no papel, mas conseguimos apenas desenvolver um pouco da nossa história.

Foto 04: Livro produzidos juntamente com os alunos



Foto: Autoral

No nosso último encontro, iniciamos a aula com a leitura do que já havíamos desenvolvido da história. Com essa leitura, pude notar uma melhora na leitura deles e que alguns estavam participando mais ativamente, expondo ideias e interagindo mais com os colegas de uma forma positiva. Concluímos a história do nosso livro com êxito, agora deixamos um pouco do nosso conhecimento para que por meio dele outras pessoas venham conhecer um pouco do povo que contribui para a formação da nossa identidade, dando força a afirmação de Aparecida Coqueiro, que diz que, devemos compreender a cultura africana africana e afro-brasileira para valorizarmos nossa cultura como um todo, pois é só a partir do debate e da reflexão que aprenderemos a lidar com questões referente a diversidade racial e cultural (COQUEIRO, 2005).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência tem sido um grande fomentador para a aplicabilidade da lei 10.639/2003 nas instituições de ensino do estado do Acre. Além do desenvolvimento da lei integralmente, o programa possibilita que criemos possibilidade de pensarmos a nossa história, indo além do que nos é ensinado no livro didático, fortalecendo e contribuindo com a construção da identidade de nossa crianças negras que não se enxergam como tais por falta de uma imagem positivada.

A educação é essencial para estabelecer as bases da sociedade (LESSARD, 2016), com isso, a sociedade vê na instituição escolar uma forma de introduzir seus valores éticos, políticos e econômicos. E neste contexto, para compreender tais bases nos cabe remetermos a Pereira (2013) analisando a formação do movimento negro contemporâneo, cujas vertentes decorrem da desconstrução das ideias apregoadas na primeira metade do XX, em que o Brasil era apresentado no EUA como “paraíso racial”, acrescido do “mito da democracia racial”.

Dentro desse contexto, o autor Gilberto Freyre muito contribuiu para a construção dessa ideia de relação amigável entre as raças, ainda mais em sua obra “Casa Grande e Senzala”, onde aponta aspectos positivos da mestiçagem. Suas ideias tiveram grande relevância para a construção da identidade brasileira e fortalecimento de muitos estereótipos.

Diante disso, as leis que promovem a igualdade racial se apresentam como formas de desconstruir esses mitos raciais e construir de forma positivada a imagem do negro. É por meio delas que construiremos um desejo valorativo dentro da criança negra que muitas das vezes não aceita ou não se reconhecem como tais, pois é desenvolvido dentro dela o imaginário de

que tudo que remete ao negro é algo que não presta. Isso pode ser visto na língua, na história apresentada nos livros didático, nos filmes, novela em que em sua maioria o negro ou negra é sempre aprestado como o ladrão, o empregado, o subalternizado, nunca como alguém de poder.

Nosso compromisso enquanto mediadores do saber é apresentar as histórias que foram silenciadas pelo colonizador, mostrando o multiculturalismo brasileiro, nossa descendência de reis e rainhas da África, de vastos reinos, que contribuimos com os saberes da humanidade, que ensinamos os pensadores ocidentais, mostrando as várias maneiras de pensar o mundo e a vida, pois só assim iremos nutrir em nossa crianças a vontade e desejo de compreendermos e vivermos a nossa herança negra.

THE IMPORTANCE OF PIBID FOR TEACHER TRAINING AND THE IMPLEMENTATION OF LAW 10.639/2003

ABSTRACT

The present work aims to show the importance of the Teaching Initiation Scholarship Program (Pibid) for future history teachers of the Federal University of Acre (Ufac). The methodology is based on bibliographic analysis of manuscripts that reported the experiences lived during the years 2016 and 2017 in the State school Raimundo Gomes de Oliveira (RGO), in the city of Rio Branco, Acre. In the years in question, the program established as a goal the activity of "Teaching with Research", a proposal in which each history student, Pibid scholar had to prepare a class from lines of research indicated in the project notice. Through the classes, we tried to integrate the school students in the meetings/classes so that they could participate as active subjects in the teaching learning process. We had as themes "Afro-Brazilian games in History teaching", "New methodological perspectives in the application of law 10.639/2003: African arts, masks and rituals" and "Literature as a form of liberation in the slavery period". We used as theoretical basis: law 10.639/2003, Bittencourt (2005), Munanga (2005), França (2020; 2021), França and Andrade (2020). In this sense, the analysis showed that the program has been a great articulator of knowledge between the university and basic education schools

KEYWORDS: Pibid. Law 10639/2003. Teacher training. Afro-Brazilian culture.

REFERÊNCIA

BITENCOURT, Circe Maria F. **Ensino de História – fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2005.

BRASIL. **Lei 10.639/2003**. Brasília: Senado Federal, 2003.

BRASIL. **Lei 11.645/2008**. Brasília: Senado Federal, 2003.

COQUEIRO, Edna Aparecida. **Educação das relações étnico-raciais**: Desnaturalizando O racismo na escola e para além dela. Curitiba, 2009. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1838-8.pdf>. Data de Acesso: 30 ago. 2022.

FONSECA, Selva Guimarães. **A História na educação básica**: conteúdos, abordagens e metodologias. Belo Horizonte, 2010.

FRANÇA, Jardel Silva França. Literatura e libertação: o ensino de história afro-brasileira no Pibid-História Ufac. **Revista Em Favor de Igualdade Racial**, Rio Branco –Acre, v. 3 n. 3, p.79-89, ago/dez 2020. Disponível: <https://periodicos.ufac.br/index.php/RFIR/article/view/4190/2512>. Acesso: 03 set. 2021.

FRANÇA, Jardel Silva; ANDRADE, Sandy Maria Gomes de. Aplicabilidade da lei 10.639/03 no Pibid História Ufac: máscaras, artes e rituais religiosos. **Revista Ponto de Vista**, n.9 – vol. 1 –2020. Disponível: <https://periodicos.ufv.br/RPV/article/view/9866/5787>. Acesso: 07 set. 2021.

CNPQ. Currículo do sistema de Currículos Lattes. Informações sobre **Jardel Silva França**. Disponível: <http://lattes.cnpq.br/4052689310655127>. Acesso: 03 set. 2021.

FRANÇA, Jardel Silva. Novas metodologias para a aplicação da lei 10.639/03 na escola: brincadeiras afro-brasileiras. In: ROCHA, Flávia Rodrigues Lima da; COSTA, Rosilene Silva da; FRANÇA, Jardel Silva.(orgs.). **Coletânea Uniafro**: práticas pedagógicas em educação das relações étnico-raciais na educação básica. Rio Branco: Edufac, 2021. Disponível em: <http://www2.ufac.br/editora/livros/ColetneaUniafropticaspedaggicasemeducaodasrelaestnicoraciaisnaeducaobsica.pdf>. Acesso 07 set. 2021.